



A VIVÊNCIA DOS ADOLESCENTES E O RAP DO ÂMBITO SOCIAL AO ESCOLAR: ENTRE APRENDIZAGENS E ENSINAMENTOS

Pâmela Tamires Bezerra Ferreira da Silva[i]

RESUMO: O estudo foi realizado com adolescentes de uma escola pública de Maceió, a partir dos métodos de etnografia e o grupo focal, onde constatou-se que o espaço escolar não valorizava a realidade sócio cultural destes alunos. Nesse sentido foi apresentado um projeto intitulado “*Rapensando o ensino da música na escola: o rap na sala de aula*” almejando a aproximação dos adolescentes à instituição escolar. O trabalho também é fruto de uma análise documental dos PCNs de Arte e Pluralidade Cultural, integrando aspectos da lei nº 11.769/2008, que torna obrigatória o ensino de música nas escolas. O escrito enfatiza o rap, sua historicidade e o compreende enquanto elemento cultural, artístico e pedagógico, destacando a importância de trabalhar através do respeito e a valorização da realidade dos alunos combatendo posturas etnocêntricas.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Rap. Realidade Sócio cultural.

ABSTRACT: The study was conducted with adolescents from a public school in Maceio, from the methods of ethnography and focus groups, where it was found that the school did not value space sociocultural reality of these students. "The rap in the classroom Rapensando teaching music in school" approach to targeting of adolescents to school institution accordingly a project titled was presented. The work is also the result of a documentary analysis of PCNs for Art and Cultural Plurality, integrating aspects of Law No. 11.769/2008, which mandates the teaching of music in schools. The brief emphasizes the rap, its historicity and understands as a cultural, artistic and educational element, highlighting the importance of working through the respect and appreciation of the reality of students fighting ethnocentric attitudes.

KEYWORDS: School. Rap. Sociocultural reality.

INTRODUÇÃO:

O projeto realizado com a turma de adolescentes de uma escola pública e expostas no presente estudo, objetivou-se em levantar dados acerca das relações sociais e culturais que permeavam o dia-a-dia destes alunos na sala de aula para que através disto fosse realizada uma intervenção relacionada a tais aspectos negativos citados, que mediavam a escola e os adolescentes observados, almejando a promoção da aproximação destes, em relação a linguagem e ferramentas metodológicas a serem trabalhadas em sala de aula, no que envolvia também a didática e o planejamento curricular.

Partindo desse viés, inicialmente, além de ser realizada uma breve síntese da historicidade do gênero musical rap, será apresentada a forma como conquistou e tem conquistado adeptos e espaços, no qual também pode ser difundido no âmbito escolar

Em seguida, justificando a escolha do ritmo musical *rap*, o mesmo é apresentado como um constructo possível num trabalho que inclui os aspectos pedagógicos, culturais e artísticos, além da valorização da realidade social e escolar dos adolescentes. Tal aproximação não decorre apenas no desenvolvimento de um currículo voltado em aulas atrativas, mas perante significação para estes, trabalhando também a criticidade desses sujeitos, através de discussões sociológicas cantada no gênero musical apreciado e vivenciado no espaço informal dos mesmos.

No contínuo, dar-se-á ênfase à experiência na sala de aula, demonstrando a forma como o *rap* foi trabalhado além do gênero musical, ou seja, não apenas a “batida” e o ritmo, mas a transversalização e interdisciplinaridade na educação. Também será analisado trechos de *raps* produzidos pelos adolescentes, tanto de forma coletiva quanto individual.

Em seguida finalizando as discussões, o estudo será enriquecido com as contribuições dos próprios adolescentes, no qual os mesmos farão um balanço avaliativo através do grupo focal realizado em torno do projeto envolvendo o *rap*. Abordaremos também as questões onde os alunos sentiram-se alvo de preconceitos tanto na comunidade, quanto na própria instituição escolar. Em contrapartida, a tais resistências ocorridas, os mesmos debaterão a forma como conseguiram valorização perante a escola e além da mesma, através de produções apresentadas em eventos realizados pela 15ª Coordenadoria Regional de Alagoas-CRE.

O RAP ENTRANDO EM CENA: BREVE HISTÓRICIDADE

Numa síntese histórica, o rap já havia sido disseminado na Jamaica na década de 1960, com os guetos jamaicanos [ii] de rua e os “Sound Systems[iii]”, juntamente com os “toasters” [iv] já denunciavam a violência dos bairros de Kingston. Segundo Tavares (2012, p.87) essa influência da “cultura caribenha que chegava aos EUA trazida por imigrantes”.

Em 1970 nos Estados Unidos, mas precisamente na periferia da cidade de Nova York, onde pode ser citado um ouro bairro em que também vivenciava as desigualdades sociais, Bronx, considerado um local que abrigava imigrantes e negros, e desses imigrantes podem ser mencionados os jovens jamaicanos que estavam ali após uma crise econômica no seu país de origem em busca de melhorias.

O rap que atualmente faz parte da cultura hip hop, surge portanto com maior amplitude nos EUA, e este não se limita apenas ao elemento musical, existem vertentes que o acompanham. Segundo Tavares (2012, p.87) são as chamadas “estéticas artísticas”, sendo elas, o rap como a musicalidade, o break dance, que significa quebra, equivale a dança de rua, ou seja as quebradas e o grafite como pintura aerográfica nos muros que muita das vezes são confundidos com pixação.

Zeni (2004) destaca que além dos elementos que compõe o hip hop, há juntamente com estes um outro componente, considerado também como um artifício deste movimento, ou até mesmo uma das principais formas de expressão, que é a consciência referente a valorização do negro, “o conhecimento histórico da luta dos negros e de sua herança cultural, o combate ao preconceito racial”. (ZENI, 2004, p.230).

Tavares (2012, p.88) ao se referir ao rap e a questão “há todo um discurso voltado para o jovem das classes sociais populares e em especial para o negro, configurando um meio de expressão afirmativa”. A autora ainda afirma que o hip hop, desde de sua origem, tem sido associado, a uma “arte voltada para segmentos excluídos no espaço urbano, como jovens, imigrantes, negros, mulheres, entre outros”. (TAVARES, 2012, p.87)

Em relação aos elementos citados, apesar de serem também apresentados de forma independente, ou seja, não é necessário que tais elementos façam-se intrínsecos, porém consideram-se um movimento unificado apesar de também poderem ser autônomos, sem deixar de lado a ideologia do movimento. Zeni (2003, p.230). “Apesar de independentes uns dos outros, os rappers, DJs, grafiteiros e b- boys (dançarinos de break) se sentem irmanados”

A palavra Rap é oriunda do termo inglês rhythm and poetry (ritmo e poesia), isso explica o fato como a letra

e cantada sempre de forma rítmica, sendo considerada como canto falado. Os rapper ou MC, que vem do termo master of ceremony (mestre de cerimônia) são as formas que são chamados os cantores de rap.

Esse ritmo chegou ao Brasil na década de 1980, onde teve espaço nas periferias das grandes cidades brasileiras. Em uma década antes, já existia os chamados bailes black com influência do soul e do funk, estilos que antecederam o rap. Em São Paulo, as primeiras manifestações da cultura hip hop surge com a dança break, mas especificamente em 1984, no centro de São Paulo, onde pode ser destacado a 24 de março e a estação de São Bento.[v]

Zeni (2004, p.231) cita que "o rap surgiria como canto improvisado para acompanhar as manobras corporais do break". Ele acrescenta que "os rappers cantavam na rua, improvisando ao som de latas, palmas e beat box (imitação das batidas eletrônicas feitas com a boca). Portanto, as rodas de break improvisadas eram chamadas inicialmente no Brasil por "tagarela", pois as letras cantadas por serem provenientes do idioma inglês, os jovens concentravam-se principalmente no ritmo. Também ficou conhecido como "estorinha" que segundo o autor, tratava-se de "(...) um rap inocente, descontraído e brincalhão". (ZENI,2004,p.231). O rap obteve uma multiplicidade de estilos musicais associados ao mesmo e que originaram outros gêneros dentro do próprio hip hop, como: o acid jazz, o raggamuffin, dance rap e o gangsta rap.

O Rap tem implicações questionadas desde seu surgimento e socialização, no qual ainda é atrelado à violência, a preconceito e outros questionamentos que limitam a força desse ritmo como instrumento de inserção e socialização da cultura negra e periférica enquanto elemento e identidade social de um povo. Se na comunidade os sujeitos adeptos a esse movimento sofrem preconceitos Como será que tem sido vivenciado no ambiente escolar?

APLICAÇÃO DO PROJETO RAPENSANDO O ENSINO DA MÚSICA NA ESCOLA: O RAP NA SALA DE AULA.

O projeto elaborado a partir das rodas de diálogo realizadas com a turma de adolescents, surge com o objetivo de valorizar a realidade sócio cultural dos alunos, baseando-se na unificação de dois Parâmetros Curriculares Nacionais, o de Pluralidade Cultural e Arte. Uma vez que se faz necessário que o professor ao trabalhar com projetos ou conteúdos relacionados a diversidade humana, tenha em vista o que é proposto no PCN de Pluralidade cultural, o qual dá ênfase a realidade social dos educando almejando que os professores tenham "consciência de que a realidade em que vivem é apenas parte de um mundo complexo, fascinante e desafiador (BRASIL, 1997, p. 19).

Segundo o PCN de Arte, o objetivo dessa disciplina é desenvolver o pensamento artístico, da percepção estética, a sensibilidade, percepção e imaginação. Pode ser trabalhada com as demais disciplinas da grade curricular e também na temática da diversidade cultural. (BRASIL, 1997.p.19). Nesse viés, ressaltamos o destaque a música, pois o projeto foi norteado a partir da análise e discussão da aplicabilidade da lei 11.769/2008 que torna obrigatória o ensino de música nas escolas, juntamente com a lei 10.639/2003, somando no estudo da cultura étnico racial.

A problematização acerca do gênero musical rap, deu-se tendo em vista as suas atribuições no contexto social dos adolescentes, como também da percepção de sua construção enquanto gênero que permite trabalhar a leitura e produção textual, criatividade e expressividade dos sujeitos, além de estimular e ampliar a visão sobre os entremeios e de música periférica utilizada como artifício de denúncia por aqueles que cantam as mazelas sociais de suas localidades de origem. O mesmo além de atender a questão do trabalho em torno da música na sala de aula, também aproxima abordagens sócio culturais e a valorização da cultura negra.

O projeto iniciou a partir do mês de março de 2013 e teve durabilidade ao longo de todo ano letivo, inicialmente, restrito ao ambiente da sala de aula, com produções de rimas semanais de assuntos ou temas estudados. Foi valorizado o trabalho em grupo pelo leque de possibilidades de tarefas em torno de um só projeto, como produção de rimas, letras, construção de cartazes, apresentações, filmagens, fotografias. O projeto foi dividido em duas partes, correspondendo ao 1º e 2º semestres, durante o ano letivo de 2013.

Nesse contexto, o trabalho inicial se deu através da oralidade, a Arte e a Música, pois com a intervenção e atuação em torno da realidade observada, foi “*rapensada*” a forma como definir a linguagem, metodologias, didática, planejamento curricular e ferramentas a serem trabalhadas para aproximar os alunos distanciados do âmbito escolar. Alguns dos procedimentos realizados foram oficinas para apresentação do gênero literário, oficinas de criação de poesias com a temática da literatura marginal, exibição de vídeos, e produções de rap de forma individual e coletiva.

Vale ressaltar, que os alunos curtiam o rap, mas ao perguntar sobre a história do ritmo desconheciam. Estes que apesar de morar em bairros periféricos e vivenciar as mazelas sociais que são denunciadas na letra dos raps, não conseguiam associar o rap a esse fator social referente à cultura negra, apenas com um ritmo em que gostavam e ouviam com frequência.

Com isso, Goes (2007,p.8), ao discutir sobre a inserção do rap na escola, ele menciona que “diante da receptividade da cultura hip hop entre adolescentes e jovens [...] figura nessa nova construção social que prevalece na escola”. Os adolescentes apresentam um contato frequente com esse estilo musical na comunidade em que vivem, porém era restrita no ambiente escolar. O autor complementa que “É importante que a escola esteja em sintonia com estas manifestações para que sejam introduzidas em sua prática pedagógica manifestações que repercutem do cotidiano dos alunos”. (GOES, 2007, p.8).

Nessa ótica, a justificativa da aplicabilidade do projeto trás consigo a flexibilidade do Rap, enquanto possibilita uma amplitude de vieses socioculturais, onde seus partícipes manifestam-se contra a situação das comunidades e espaços de vivências, além dos acontecimentos cotidianos que acabam denegrindo tanto as periferias, como aqueles que vivem nela.

O RAP ALÉM DO GÊNERO MUSICAL: RESULTADOS E ANÁLISES

Compreendendo o rap como um elemento de manifestação cultural, onde atualmente há o interesse de diversas áreas do conhecimento e estudos empíricos relacionados à educação e antropologia, entre outras áreas, trazemos a discussão voltada numa análise que permite absorver além do gênero musical, ou seja, trabalhá-lo a partir da percepção dos adolescentes em estudo, através do saber histórico e como parte integrante do conhecimento/fundamental para entender a memória ou o sentido que eles trazem. Trata-se de uma intrínseca relação de conteúdos e métodos no processo cognitivo/ conteúdo em si, a forma como deve ser trabalhado, ou seja a melhor forma para se adquirir o processo de ensino aprendizagem através dessa aproximação.

Para tanto esse escrito tem o intento de mostrar a interdisciplinaridade desse ritmo sem perder seu caráter e nem limitá-lo. A função do rap enquanto aporte de ensino e aprendizagem é mostrar a amplitude desse movimento como porta de entrada e elemento crucial na aprendizagem e apreensão da cultura e da identidade, não somente da negritude, mas também do contexto social brasileiro.

A aprovação com o trabalho foi tão expressiva, que os adolescentes iniciavam a fazer rimas por conta própria e socializava com os colegas, o interesse na escrita e leitura foi desenvolvido e os alunos outrora com dificuldades, apresentaram um relevante desempenho. Os mesmos não aprendiam só por aprender, ou por obrigação, apresentavam uma visão crítica e politizadora em torno da própria realidade e os acontecimentos sociais.

Iniciaram a desenvolver atitudes relativizadoras em sala de aula passando a considerar-se uma família, isso ficou claro quando criaram o rap “família 5º C”, onde foi realizada uma retrospectiva da classe e citava todos os alunos de forma afetuosa. Ficaram conhecidos na escola como a turma do rap e cumprimentavam-se como MCs ao invés dos xingamentos e apelidos outrora observados.

Tal avanço em sala proporcionou que os adolescentes tivessem o desejo de socializar com a escola a forma diferente como estavam adquirindo conhecimentos. De início, ocorreu grandes entraves referente a esse

trabalho não na sala de aula, pois mantinha-se apenas aquele grupo específico de adolescentes, mas a partir do momento em que demonstraram interesse em compartilhar na hora do intervalo, ou nas festas da escola. Os alunos passaram a frequentemente cantarem rap no recreio e em alguns momentos passou a ser disponibilizado microfone e caixa de som. Um dos primeiros raps a serem cantados no pátio da escola, foi o rap do índio, onde é abordada uma riqueza de informações referentes a organização social, costumes, crenças, a forma como viviam e também é realizado críticas e momentos de reflexão acerca da real situação indígena e a data comemorativa.

"[...]Os primeiros habitantes do Brasil, mas só comemoram o seu dia em 19 de abril, os outros 364 dias, se esquecem dos Índios que covardia... Todo dia é dia de índio...Dia de índio é todo dia!"

Em outro trecho eles expressam uma forma de cobrança em relação a Fundação Nacional do Índio: "FUNAI... FUNAI.../ FUNAI Cadê você?

/ FUNAI...FUNAI...Sua missão é nosso Índio proteger"

Além dos raps produzido coletivamente, os alunos se interessaram a construir de forma individual, produziam em casa e socializavam na sala de aula. Em uma análise mais aprofundada, pudemos perceber que nestas letras criadas de forma individual em outros ambientes além do espaço educacional, os adolescentes demonstravam estarem baseados nos grupos de rap que apreciavam, sejam estes nacionais ou locais. Em relação ao rap alagoano, os alunos destacaram o grupo Neurônios Sub-Consciente[vi], conhecidos popularmente pela sigla NSC.

Como por exemplo, o trecho de um rap criado por um adolescente, o qual discutia a violência da cidade de Maceió-AL. O aluno também faz críticas a não valorização na estrutura física e de acessibilidade a Serra da barriga-AL, localizada em União dos Palmares, patrimônio histórico tão importante para o Estado e com valor histórico brasileiro e pro mundo.

Tenho orgulho dessa cidade

Mas esta muito violenta

Os turistas se afastando

Desculpa ae Brasil, por esse mal exemplo

É que o meu povo tá sofrendo

Com falta de comida

A falta de estrutura lá na serra da barriga...

(Adolescente A)

Durante os protestos de 2013, os alunos também construíram rimas contra o aumento das passagens dos ônibus. Em um dos trechos no qual merece destaque:

"O preço da passagem vai ficar mais cara que o tomate!"

Foi usada uma informação importante acerca também da inflação refletida e vivenciada acerca de um momento histórico e econômico do país. Outro fato, importante de ser mencionado nesse estudo é o que afirma Zeni (2004), acerca dos grupos de rap e as referências em torno do líder negro alagoano que lutou contra escravidão, Zumbi dos Palmares:

(...) tornou-se uma referência fortíssima para todo o universo do hip hop, de forma a lembrar a luta contra a escravidão e a necessidade de se conscientizar sobre a herança colonial brasileira, que ainda projeta suas sequelas sobre a sociedade contemporânea.(ZENI,2004,p.232)

Nas rimas e letras de rap produzido também pelos alunos, é constatada a conscientização e revelação da cultura negra, o qual os adolescentes fazem a referência a Zumbi dos Palmares em uma outra data histórica, referente a Abolição da Escravatura, o 13 de maio, no lugar de comemoração, os alunos trazem uma reflexão e demonstram estarem cientes acerca do preconceito e racismo ainda existente na sociedade mesmo após a libertação dos negros escravizados.

Abolição da escravatura- 13 de maio

A escravatura... A escravatura...Eu também sou negão

Ainda sou vítima da escravatura!

(...)13 de maio!

Zumbi dos Palmares lutou até o talo!

Mas os negros realmente foram libertados?

Queremos libertação! Acorda governo ladrão!

Querem calar minha boca, Meu Deus! Me proteja...

Não posso parar!

Diversos outros temas foram abordados, tanto de assuntos estudados em sala quanto temáticas sociais, do cotidiano informal e até mesmo em homenagem a colegas, professoras, entre outras situações onde demonstraram utilizar o rap também na socialização.

O OLHAR DOS ADOLESCENTES ACERCA DO RAP NA SALA DE AULA: DO PRECONCEITO ÀS MEDALHAS.

Anteriormente já havia citado a existência de embates e a aversão na própria instituição escolar acerca do estilo musical trabalhado em sala de aula, como também comentamos que os próprios adolescentes conseguiram reverter essa situação.

Não teria sentido romper com as atitudes etnocêntricas em sala de aula, se a partir do método escolhido no projeto a própria escola se voltasse contra nesse processo cognitivo. A seguir comentários de alunos acerca do preconceito vivenciado na escola, a opinião dos adolescentes.

"(...)não pode julgar o aluno pelo modo dele ser... não deve julgar o aluno se ele gosta de reggae, se ele gosta de rap, cada um tem um canto, ninguém é igual a ninguém. se ele gosta de rock ele gosta de rock". (Adolescente A/15 anos)

Uma aluna destaca a questão da cultura negra, ela entende que tal aversão também se referindo a uma forma de preconceito.

"Isso é Racismo contra os negros. Preconceito por gostar de Rap na escola muitas vezes" (Adolescente C/13 anos)

Em outros momentos sentiam-se desvalorizados, quando utilizavam termos de maloqueiro ou marginal[vii], onde nitidamente havia uma separação ou recusa de aceitação do rap na escola.

"Além do preconceito em relação a música, olhavam com maus olhos, a diretora não gostava não. Ela ficava olhando pra minha cara, diziam que rap era de maloqueiro". (Adolescente A/15 anos)

" (...)diretora e a cozinheira disse que quem escuta rap era maloqueiro, chegamos no refeitório cantando o rap da lagartixa. Ai ela disse aqui ne lugar pra cantar isso não".(Adolescente B/14 anos)

Outra adolescente reforça o comentário do colega:

"(...)E um dia a gente tava cantando o rap da Ruth Quintella, aqui não e escola de marginal não, isso foi na hora do recreio."(Adolescente C/14 anos)

O aluno ao defender o estilo musical acrescenta:

"Rap é de maloqueiro?

rap não e de maloqueiro! Sabe o que significa a palavra RAP?

realidade a partir da poesia, já ta dizendo tudo!"(Adolescente A/15 anos)

Nesse momento e questionado aos alunos o que era ser maloqueiro na visão dos mesmos e as respostas são: "É Roubar", "matar", "fumar maconha, droga". Os adolescente sentiam-se incomodados, ao associarem o termo maloqueiro pelo fato de escutarem rap. Portanto, a escola mais uma vez reforçava as atitudes etnocêntricas como já comentado no inicio desse capítulo. Entre o preconceito e a valorização, estes adolescentes, foram os personagens principais responsáveis pela quebra destes paradigmas.

Em um evento comemorativo realizado na escola, "dia das mães" os alunos optaram por fazer uma apresentação diferente, em vez de poesias prontas ou musicas comuns dessa data comemorativa, preferiram cantar uma letra Do já mencionado grupo de rap, o NSC.

Deram ênfase ao trecho da música em que falavam :

"Quem vai chorar?

"

Se eu entrar me envolver, se eu rodar, não saber caminhar.

"Quem vai chorar?

"

Se eu lutar, derramar, se eu morrer, vai pesar, se eu matar.

"Quem vai chorar meu Deus?

"

Se eu parar, não pagar, atrasar, alguém vem pra cobrar.

"Quem vai chorar?

"

Só a nossa mãe a favor vai por mim, a vida que nós leva surpresa trás o fim, não vá se espelhar em mim guri, vai estudar já tentei de toda forma dos porres me libertar (...)

(Neurônios sub-consciente)

Talvez muitos não estivessem entendendo o porque uma música com o título "Quem vai chorar" estava sendo cantada em homenagem ao dia das mães. Na letra tiveram todo o cuidado de não repetir os chamados por eles "palavrões" referentes às palavras de baixo calão, e ao final da música cantada pelos adolescentes, fizeram um interpretação emocionada do trecho da letra aqui exposta. As mães presentes também se emocionaram com o discurso do adolescente quando perguntou quantas mães já choraram com a perca de um filho?

A realidade da comunidade é o que estava sendo descrita naquele trecho, onde os alunos passavam a mensagem que o que praticassem de errado ou acontecesse com eles, a mãe que iria sofrer.

Os alunos em seguida ficaram temerosos da reação da gestão que talvez não aprovasse, mas o que pudemos perceber é que a gestão estava temendo a opinião dos pais presentes, como também de algum tumulto que pudesse ser provocado pelo fato de que nesse momento todos os alunos voltaram ao pátio para apreciarem a música tão apreciada em seus espaços informais.

"Até a minha mãe que é evangélica tava levantando as mãos gostando" (Adolescente F/13 anos)

Nesse momento, adolescentes e escola ainda continuavam no embate. Vimos o quanto fazia-se necessário os próprios funcionários como gestão também reconhecerem a importância. E esse reconhecimento foi sendo construído lentamente, passo-a-passo, através do desenvolvimento dos alunos que foi notório partiu-se do próprio desenvolvimento dos alunos que foi notório em toda a escola.

A seguir é transmitida a fala de alunos acerca do trabalho com o rap realizado em sala de aula que foi produzido atendendo questões socioculturais dos adolescentes. Um dos entrevistados cita o que já havíamos apresentado anteriormente em relação ao espaço formal e informal.

"Antes a gente não estudava de acordo com o nosso ambiente. Escutamos isso no meio em que vivemos bastante." (Adolescente G/15 anos)

Outro adolescente contribui na discussão ao citar:

"Local de escola e apenas uma coisa e local de casa outra coisa. Não se misturava, acho importante fazer essa aproximação." (Adolescente A/15 anos)

Foi questionado aos mesmos a forma como foi realizado o projeto em torno do rap e proposto aos mesmos a realizar uma avaliação .

"O rap surgiu, porque a nossa professora chegou na sala e teve a ideia de misturar as coisas." (Adolescente C/13 anos)

"Trabalhar de acordo com o rap foi bom, porque a gente teve essa animação pra aprender, pra fazer rap, melhorou a escrita"(Adolescente E/14 anos)

Na fala do adolescente ele deixa evidente que aprendeu sobre o rap, e esse foi um dos objetivos, não apenas curtir ou reproduzir as músicas e letras, mais criar, valorizar e conhecer a historicidade, obtendo uma visão crítica além dos aspectos pedagógicos e culturais.

"Porque acho assim... se ficasse só no quadro, ninguém tava bom. Misturou com o rap, todos aprenderam, valorizou o rap, aprendeu sobre o rap"(Adolescente A/15 anos)

"Fizemos rap do que estudamos, Descobrimento do Brasil, Tiradentes, Matemática e outros."(Adolescente J/13 anos)

"Nós gostamos de rap. Deu certo de unir os temas da sala de aula com o rap."(Adolescente F/14 anos)

A aluna em sua fala expressa que a partir do projeto sentiu-se motivada a participar das aulas:

"Estava triste, desmotivado, mas agora até quem não gosta de aula, depois do rap começou a frequentar..."(Adolescente I/14 anos)

Entretanto ao perguntar sobre a importância de se trabalhar o estilo musical do jovem na escola eles demonstram que dessa forma sentem-se valorizados.

A escola deve continuar valorizando nós adolescentes, o estilo e música o ambiente em que vive! (Adolescente E/14 anos)

Foi interessante observar que os alunos compreenderam a importância do estudo, como também, que não estávamos restringindo a estes adolescentes a valorizar apenas a sua cultura.

"Não estamos dizendo que os outros não prestam, mas sim valorizando o estilo de cada um. Aprender a valorizar a cultura e a realidade social (Adolescente A/15 anos)

O entusiasmo e a criatividade também ficou promulgada em cada etapa do projeto realizado, eles sempre gravavam as músicas no próprio celular em forma de clip, mas desejavam ter um suporte maior para socializar e incentivar outros trabalhos relacionados ao rap.

"(...) vontade de gravar as músicas que fizemos, fazer um clip, também fazer mais músicas pra incentivar a outras pessoas também a fazerem.(Adolescente C/13 anos)

Os alunos também foram reconhecidos em projetos realizados pela 15ª Coordenadoria Regional do Estado de Alagoas, onde os alunos cantaram e foram premiados com medalhas e mensagens honrosas de agradecimento pela participação em dois eventos: A semana da Matemática e a I Semana Literária do CEPA.

Na visão dos adolescentes ficou perceptível que passaram por embates, mas que conseguiram ser valorizados, não apenas pelas medalhas recebidas, mas a valorização da sua realidade social vinda pela escola. No encerramento do ano letivo, os adolescentes foram convidados a cantar rap nas salas das outras turmas, a socialização que eles tanto almejavam no início do projeto, agora de fato, estava efetivada.

Nós trabalhamos em cima de poesia e rima (Adolescente C/13 anos)

Essa fala demonstra, que entre autógrafos e medalhas, os alunos não se tornaram apenas "famosinhos" ou "populares" da escola, e que de fato houve um processo de aprendizagem, os alunos desenvolveram a oralidade, escrita e o trabalho em grupo, a coletividade, o que auxiliou no processo relativizador em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rap, nesse estudo, foi relacionado historicamente e apresentado como constructo possível na sala de aula a partir das leituras sobre a literatura marginal, como também mostrando a sua amplitude em outros aspectos relacionados às disciplinas em sala de aula, como a valorização da própria cultura dos alunos e do meio social em que vivem, contribuindo para uma maior socialização, foi possível trabalhar diversas temáticas.

A partir da aplicação do projeto a escola também transformou a sua postura etnocêntrica valorizando a realidade social dos adolescentes observados. O reconhecimento maior nesse momento não foram apenas as premiações recebidas, mas o consideração dada ao adolescente, não o rotulando e o subestimando, trabalhando a partir da realidade social dos mesmos. O objetivo geral do projeto, na contemplação dos espaços da ambiência dos alunos residentes em periferias, proporcionando um olhar da aprendizagem estabelecendo correlações com seu cotidiano, foi concretizado com eficácia, auxiliando dessa forma, o trabalho com o multiculturalismo, a arte e a música, facilitando a colocar em prática o que tem sido proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de forma dinâmica e produtiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetro Curricular de Pluralidade Cultural**, Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008: **Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na**

educação básica.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm)

[planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm)

[/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm)

Acessado em 11/03/2013

GÓES, Neusa Maria Luizão. **A produção de sentidos em manifestações poéticas orais: o RAP na escola.** 2007.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1166-4.pdf)

[diaadiaeducacao.pr.gov.br](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1166-4.pdf)

[/portals/pde/arquivos/1166-4.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1166-4.pdf)

Acessado em 22/03/2013

TAVARES, Breitner. **Musica Popular Rap: A Rima da Guerreira**, Latitude, vol. 6, nº1, pp.83-104, 2012.

ZENI, Bruno. **O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva.** ESTUDOS AVANÇADOS 18 (50), 2004

[i] Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: pamelaufal@hotmail.com

[ii] Bairros destinados a comunidade negra e de baixa condição financeira, portanto, os guetos na Jamaica traziam consigo uma imposição econômica e racial perante os seus moradores.

[iii] Em português significa “sistemas de som”. Também conhecido como animador de baile, pois eram colocados nas ruas como forma de animar as festividades dos guetos jamaicanos.

[iv] Eram os chamados improvisadores, pois estavam inicialmente ligados ao dub jamaicano. Do final da década de 1960. Atualmente conhecidos como MC (Mestre de cerimônia)

[v] Inicialmente as danças break no entorno de São Paulo surgiram na 24 de Março, entretanto por perseguições de lojistas, o qual achavam tumultuosas as apresentações naquela localidade, transferiram-se para localidades próximas a estação do metrô

[vi] O grupo de rap a qual os adolescentes prestigiavam, foi criado na cidade de São Miguel dos Campos-AL, no ano de 2000. Segundo os integrantes do grupo, as letras tentam mostrar a realidade das ruas das periferias maceioenses. O primeiro DVD foi gravado no ano de 2010 intitulado, meu povo é sofrido.

[vii] Apesar dos termos, em seu real sentido, referir a forma habitacional, como por exemplo maloqueiro significa que é habitante das malocas, ou barracos, na favela e marginal que habita a margens ou esta a margem de algo, na visão dos adolescentes, tais termos significam algo negativo, não pelo sentido de morar na periferia, pelo contrário, orgulham-se do local em que vivem, mas pela forma, como as expressões ditas os ofendem pelo fato de estar relacionado a uma forma de julgamento, ou seja, por morar e expressar a cultura periférica, é visto como bandido.

Recebido em: 29/06/2014

Aprovado em: 29/06/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: